

Editorial

A NOVELA
DA BR-381

Há pelo menos uma década a população que vive ao longo da BR-381, entre Belo Horizonte e Governador Valadares, reclama do governo federal a duplicação da rodovia, fundamental para o transporte ágil e seguro de pessoas e mercadorias.

O argumento principal em apoio ao pleito é o número de acidentes graves ocorridos na rodovia, a maioria constituída de colisões frontais, que a duplicação eliminaria ou pelo menos reduziria. Tanto que a estrada ganhou um apelido, o de "Rodovia da Morte".

Apesar do movimento a favor, o governo federal ignorou quanto pôde o pleito, talvez por razões políticas, como uma suposta má vontade com os governos tucanos do Estado. A atitude só mudou quando a presidente se candidatou a um segundo mandato.

Então, Dilma Rousseff veio a Minas Gerais, em maio de 2014, para autorizar o início das obras de duplicação, quando afirmou que iria mudar a história trágica da rodovia em três anos, isto é, até o fim de seu segundo mandato, se eleita, como foi.

A reportagem de **O TEMPO** percorreu, recentemente, os 310 km da rodovia para observar o estágio em que estão os trabalhos. Dos oito trechos em que foi dividida a obra, só de um se pode considerar que está com as operações em andamento.

Os demais, com exceção de um, que aguarda licitação, são fonte de litígios administrativos ou judiciais com o consórcio que venceu a concorrência. Por causa disso, as obras estão praticamente paralisadas, e o governo já fixou novo prazo de conclusão: 2019.

Segundo a reportagem, as obras já realizadas estão se estragando. Também não foi concluída nenhuma obra estrutural. Sem condições estruturais para operar no Brasil, o consórcio vencedor, uma empresa espanhola, terceirizou todos os trechos, o que é irregular.

A novela já custou R\$ 363 milhões dos R\$ 2,6 bilhões previstos.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra Soares

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Monique Araki

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Política: Ricardo Corrêa
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Os bônus e os ônus da sociedade da cultura da informação

Zygmunt Bauman e o "ativismo de sofá" das redes sociais

Após ler a entrevista do sociólogo polaco Zygmunt Bauman concedida a Ricardo de Queiroz, "As redes sociais são uma armadilha" ("El País", 8.1.2016), decidi reler "Tecnopólio: A Rendição da Cultura à Tecnologia", de Neil Postman (Nobel, 1994), que li em 1995 e revisito muito, por considerá-lo ainda atual, embora seja, a rigor, uma análise escrita quando a internet engatinhava.

A precursora da internet, a Arpanet, foi criada em 1969 e pertencia ao Departamento de Defesa dos Estados Unidos; só interligava laboratórios de pesquisa no país. A liberação comercial ocorreu em 1987. Em 1992, o Laboratório Europeu de Física de Partículas inventou a World Wide Web, que possibilitou o uso por qualquer pessoa. A internet foi liberada no Brasil em 1995.

Neil Postman (1931-2003), norte-americano, professor e pesquisador de mídia e educação, dirigiu o Departamento de Comunicação da Universidade de Nova York e escreveu inúmeros artigos e vários livros com enfoques na evolução da tecnologia e suas ressonâncias na sociedade. "Tecnopólio: A Rendição da Cultura à Tecnologia" nos alerta para um olhar aprofundado sobre o imperativo ou determinismo tecnológico versus a construção social da tecnologia (determinismo social).

Conforme a resenha da obra feita por Marcela Lino da Silva, Stephanie Sá Leitão Grimaldi e André Felipe de Albuquerque Fell, "o tecnopólio passa a ser, então, um estado de cultura, envoltos em seus próprios dogmas e misticismos, impondo o rumo e o ritmo de

vida às sociedades".

Zygmunt Bauman, 90, sociólogo polaco, foi professor da Universidade de Varsóvia, da qual foi expulso em 1968, quando imigrou para a Grã-Bretanha, onde tornou-se professor titular da Universidade de Leeds, em 1971. Recebeu os prêmios Amalfi (1989, por sua obra "Modernidade e Holocausto") e Adorno (1998, pelo conjunto de sua obra). É professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia.

Zygmunt Bauman, cético sobre o "ativismo de sofá", é tido como pessimista e

"As redes sociais não ensinam a dialogar... Muita gente as usa não para unir; o único som que escutam é o eco de suas próprias vozes."

declara que a ideia de progresso é um mito. É criador do conceito de modernidade líquida – "uma etapa na qual tudo que era sólido se liquidificou, e em que nossos acordos são temporários, passageiros, válidos apenas até novo aviso".

Ricardo de Queiroz destaca que "ele é a voz dos menos favorecidos. O sociólogo denuncia a desigualdade e a queda da classe média. E avisa aos indignados que seu experimento pode ter vida curta". E que "suas denúncias sobre a crescente desigualdade, sua análise do descrédito da política e sua visão nada idealista do que trouxe a revolução digital o transformaram também em um farol para o movimento global dos indigna-

dos, apesar de que não hesita em pontuar suas debilidades".

Questionado se, "em vez de um instrumento revolucionário, como alguns pensam, as redes sociais são o novo ópio do povo", eis fragmentos de sua resposta: "A diferença entre a comunidade e a rede é que você pertence à comunidade, mas a rede pertence a você. É possível adicionar e deletar amigos, e controlar as pessoas com quem você se relaciona. (...) As redes sociais não ensinam a dialogar porque é muito fácil evitar a controvérsia... Muita gente as usa não para unir, não para ampliar seus horizontes, mas, ao contrário, para se fechar no que eu chamo de zonas de conforto, onde o único som que escutam é o eco de suas próprias vozes, onde o único que veem são os reflexos de suas próprias caras. As redes são muito úteis, oferecem serviços muito prazerosos, mas são uma armadilha".

